



Cristandade Oriental: a Igreja Etíope na Idade Média
Oriental Christianity: the Ethiopian Church in the Middle Ages

Lincoln Etchebéhère JUNIOR¹
Thiago Pereira de Sousa LEPINSKI²

Resumo: O objetivo da presente comunicação é apresentar um estudo sobre a Igreja Copta da Etiópia, que segundo a tradição, teria nascido já nos tempos apostólicos, com influência judaizante e monofisita. Ainda segundo as tradições nacionais etíopes, esse cristianismo já teria encontrado um povo monoteísta, devido à conversão da Rainha de Sabá à fé mosaica, depois de seu bíblico encontro com o rei Salomão. Os descendentes de Salomão e da Rainha de Sabá teriam dado origem à dinastia Salomônica. O soberano dessa dinastia foi, no século XVI, identificado como o lendário Preste João das Índias.

Palavras-chave: Etiópia; Monofisismo; Tradição Salomônica; Igreja Etíope.

Abstract: The goal of the present communication is to present a study about the Copt Church of Ethiopia, that according to tradition, was born on apostolic times, with Jewish and monophysist influences. Still according to Ethiopic national traditions, this Christian's would already have found a monotheist people, due to the conversion of the Queen of Sabbath to the mosaic faith, after its biblical meeting with King Solomon. The descendants of Solomon and the Queen of Sabbath would have given origin to the Solomon dynasty. The sovereign of this dynasty was, in the sixteenth century, identified as the legendary Priest John of India.

Key words: Ethiopia; Monophysism; Solomon Tradition; Ethiopic Church.

I. Introdução

Os coptas de Etiópia constituem a maior comunidade cristã do Oriente. Formam uma Igreja, surgida no início do Cristianismo que segundo a tradição nacional foi fundada pelo apóstolo São Felipe. Os etíopes antes do advento do Cristianismo já sofreram influência de uma comunidade judaica que lá se

¹ Doutor em História pela USP; Professor do Mestrado interdisciplinar em Educação, Administração e Comunicação da Universidade São Marcos, São Paulo, SP. lincoln.e.jr@hotmail.com

² Bacharel em Direito pela USP; Discente do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Direito da Escola Superior de Advocacia, São Paulo, SP. thiago.lepinski@gmail.com

fixara desde tempos imemoriais, permanecendo até o século XX: os falaschas (ou falaschin). Esta comunidade judaica influenciou no Cristianismo etíope, que mantém a circuncisão até nossos dias e outras prescrições. A Igreja Etíope, influenciada pelo judaísmo, a partir do século VII passou a sofrer ataques do Islamismo e já travava lutas com os galas, povo pagão, que posteriormente hão de converter-se ao Islã. Cercados pelos Islâmicos conseguiram a duras penas permanecer em sua fé e preservar a sua cultura até nossos dias. No século XVI tiveram auxílio dos portugueses nesta luta, mas os expulsaram quando da ingerência dos lusitanos em sua fé e cultura. No período contemporâneo sofreram invasão dos italianos, conseguindo também os expulsar, preservando a sua identidade cultural e a sua fé, sustentada pela sua Igreja.

II. O Cristianismo

Sua origem prende-se a Jesus Cristo, nascido em Belém de Judá, situada na Palestina, então debaixo do domínio romano. Sua existência foi relatada pelos quatro evangelistas, pelos Atos dos Apóstolos, pelas epístolas dos apóstolos, livros canônicos, e pelos livros apócrifos. Testemunham ainda, sua existência histórica os escritores romanos: Tácito (54-119), Suetônio (75-160) e Plínio por volta de 112, e duas testemunhas orientais: o sírio Mara em uma carta ao seu filho Serapião, provavelmente, em 73; e o judeu Flávio Josefo.³

No que tange a data do seu nascimento, ela foi fixada pelo monge Dionísio, o Pequeno, após pacientes investigações, em 753 da fundação de Roma. Esta data foi tomada como o início da era cristã. Estudos posteriores verificaram que o cálculo de Dionísio, o Pequeno, era inexato. A data foi na realidade quatro ou cinco anos antes de 753. Jesus Cristo em sua vida pública difundiu sua doutrina entre seus conterrâneos. Após sua morte; ressurreição e ascensão aos céus, sua doutrina foi espalhada pelos apóstolos e discípulos. Partindo de Jerusalém, após Pentecostes, dirigiram-se por todas as partes, então conhecidas do mundo, seguindo assim a orientação de seu Mestre: “Ide por todo o mundo, pregai o Evangelho a toda criatura” (Mc. XVI, 15).

Em Antioquia da Síria os seguidores de Cristo pela primeira vez foram chamados de cristãos⁴, até então eram conhecidos por galileus ou nazarenos.

³ Tácito, XVI, Suetônio, Plínio, livro XX (91-200); *Antiquitates Judaice*, composto em 94, no qual chama Tiago irmão de Jesus, a quem chamam “o Cristo”.

⁴ Os cristãos orientais da Índia são conhecidos até nossos dias como “ nazarenos de São Tomé”. O termo “cristão” é denominação dada aos católicos latinos e aos protestantes.

Os grandes centros irradiadores do Cristianismo nos primeiros séculos, além da Palestina, seu berço, foram: Roma, Antioquia, Constantinopla e Alexandria, que também foram centros das controvérsias cristológicas. Uma delas, o monofisismo conquistou Alexandria e por esta atingiu a Etiópia. Portanto, já nos primeiros séculos a Cristandade ficou dividida entre cristãos ortodoxos, isto é, aqueles que aceitavam as decisões conciliares, e os heterodoxos que se recusavam a aceitá-las. Estes, banidos do Império Bizantino, difundiam sua doutrina fora do mesmo, alcançando regiões longínquas.

Os seguidores de Ario converteram os godos; os seguidores de Nestório atingiram a China⁵, através da Caldeia: os monofisitas o Egito e a Etiópia. Formaram-se igrejas nacionais, algumas ainda reconhecendo a autoridade espiritual de Roma. Nestorianos na Caldéia; coptas no Egito e Etiópia; melquitas na Síria, Líbano e Egito; malabareses ou “cristãos de São Tomé” na Índia; maronitas no Líbano. Estes cristãos orientais foram dominados politicamente pelo Islã a partir do século VII, com exceção dos cristãos da Etiópia.

A Cristandade greco-latina conservou vagas notícias de comunidades orientais dependentes de Alexandria, no alto Nilo, ou da Síria, na Índia Malabárica, na Pérsia e na Armênia. Esta Cristandade sempre procurou contatos com seus irmãos do Oriente, desejando romper a barreira imposta pelo Islamismo. Procurava ao mesmo tempo conseguir livrar o Ocidente de suas mãos, com uma provável aliança com o Preste João das Índias.

Comunidades cristãs, após o contato, reuniram-se a Roma, porém, mantiveram seus ritos e disciplinas, ligadas diretamente a Congregação das Igrejas Orientais; outras continuaram autocéfalas, como a Igreja Copta.

III. A tradição salomônica e o Cristianismo na Etiópia

A tradição etíope afirma que o primeiro imperador da Etiópia é filho do rei Salomão e da Rainha de Sabá, que nasceu no reino de Tigré, numa aldeia chamada Sabá. Esta aldeia está situada a quatro léguas de Axum. A rainha também é conhecida por Negesta Azeb, isto é, Rainha do Sul. Ela edificou

⁵ Dependentes da Pérsia, essas igrejas caíram sob a influência do nestorianismo. “E provável que o sacerdote Iaballah tivesse levado o Cristianismo até a China (636), e conquistado a proteção do imperador” (*História Universal da Igreja*, v. I, p. 289). Em 1289 Giovanni de Montecorvino, viajou até a China com uma carta do papa Nicolau IV para o católico Yaballah III (1281-1317), de origem mongólica. Esteve o enviado pontifício em contato com comunidades nestorianas da China (*Oriente Cattolico*, 1962, p. 362).

uma cidade para sua corte, Dabra Magueda, que se identifica com Axum.⁶ O rei Salomão, desejando edificar o Templo de Jerusalém, teria enviado mensagem a todos os mercadores do mundo, que lhe trouxessem mercadorias. O mercador Tamarim levou a Jerusalém ouro fino da Arábia, madeira preta, e outras preciosas mercadorias. Regressando à Etiópia, contou à sua rainha as belezas que viu e ouviu junto a Salomão. A soberana manifestou o desejo de conhecer o grande rei. Abalou-se para junto dele, e lá permaneceu algum tempo.

Regressando a sua terra, levou presentes do soberano, entre eles um anel. Tendo nascido um menino, deram-lhe o nome de Menelik, deturpação de Bem-Ameleh (filho do rei). Visitou seu pai quando estava com 22 anos, juntamente com o mercador Tamarin. Salomão o recebeu com grande alegria e festas, fazendo-o rei da Etiópia, com o nome de Davi, como seu pai. Essa troca de nome, deu origem ao costume dos imperadores etíopes de trocar o nome de batismo ao ascender ao trono. O filho do rei Salomão e da rainha de Sabá ficou conhecido pelo nome de Menelik I, fundando a dinastia salomônica.⁷ Os etíopes afirmam que a partir desse momento passaram a adorar o Deus de Israel. Passados quinhentos anos, este fato foi tema para a composição da obra *Kebra Nagast* (“Glória dos Reis”).

Há em Etiópia um grupo étnico que se diz descendente da Casa de Israel, afirmando que sua origem prende-se aos artesãos que acompanharam a Rainha de Sabá em seu retorno de Jerusalém. São os falashas ou falashim, que significa emigrados. Entretanto, outros autores afirmam que falashas ou falashins significa estranho ou exilado (TELLES, 1940: 5; CASTRO, 1940: 61; GACHE, 1970: 99; AUBERT & CAUWEMBERG, 1960: 210 e GORCE & MORTIER, 1943: 3088)

Na Antigüidade, o nome Etiópia (Aethiopia) era dado a um imenso território que se estendia ao sul do Egito. O seu nome é de origem grega, *Ethipos*, que significa rosto queimado.

Navegadores portugueses em busca do lendário Preste João, e posteriormente os jesuítas, atingiram a região de Axum no século XVI. A partir daí surgiram

⁶ O padre Pero Paes afirma em sua obra que assim como os reis de Portugal eram senhores dos Algarves “de Aquém e Além mar, a Rainha de Sabá era senhora também da Arábia. (PAES, Pero, *História da Etiópia*, vol. I, p. 24-25, e p. 95)

⁷ O último soberano desta dinastia foi Hailé Selassié, deposto por um golpe comunista chefiado pelo general Haile Marian, em 1974.

⁸ Segundo a referida obra, havia em Etiópia perto de 30.000 falaches.

informações geográficas mais precisas. A região de Axum era Etiópia-a-alta, ou Abássia, e seus habitantes os Abexins (TELLES, 1040: 17)

O termo Etiópia nesse momento designava um território extenso e vago, até que paulatinamente chegou-se à superfície do antigo Império etíope, hoje República da Etiópia.

O cristianismo na Etiópia, segundo a tradição nacional, foi introduzido pelo eunuco da rainha Cândia ou Kandake⁹, que fora a Jerusalém adorar o verdadeiro Deus¹⁰, e foi batizado pelo apóstolo São Felipe.¹¹ Regressando a seu país narrou o sucedido a sua rainha, convertendo-a ao cristianismo, bem como os seus familiares. A mesma tradição afirma que passado muito tempo, veio um mercador de Tiro, com dois companheiros, Fremanatôs e Sydracos. Morrendo o mercador, levaram ao rei da Etiópia os dois companheiros, que permaneceram com os filhos d'el rei. Ficaram alegres os dois, ao ver que os etíopes eram cristãos, crendo na Trindade, fazendo o sinal da cruz, e ao mesmo tempo ficaram espantados porque não houvera apóstolo que pregasse na Etiópia.

Morrendo el rei, Sydracos regressou a Tiro, e Fremanatôs foi ao patriarca de Alexandria. Em lá chegando, comunicou a existência de cristãos sem pastores, e pediu ao patriarca que enviasse sacerdotes ao país. O patriarca ordenou-o sacerdote, e sagrou-o bispo da Etiópia. Regressando, ordenou sacerdotes e diáconos, e batizou os seus habitantes. Ficou conhecido por Abba Salama (Padre da Paz, ou Pacífico), porque trouxe a paz ao país. Reinavam em Etiópia nessa ocasião os irmãos Abrá e Asbrá (PAES, 1946: 9-11). Portanto,

⁹ “Muito antes do que depois adotaram os modernos expositores, adotaram o nosso Barros na terceira década, livro 4, capítulo 2, que a Etiópia se deve tomar pela ilha de Meroi, no rio Nilo, na parte mais meridional do Egito: e que Candace não era entre aquelas rainhas nome próprio, mas título comum, como o de Faraó entre os reis egípcios, Cesar entre os imperadores romanos”. (Comentário sobre a Bíblia Sagrada, Vol. 11, p. 194).

¹⁰ No templo de Jerusalém havia um lugar destinado aos gentios convertidos, e Salomão ao edificá-lo assim dizia: “Também quando algum estrangeiro que não é do teu povo de Israel vier de algum país remoto por causa do teu nome (porque ouvira a grandeza do teu nome) e a força de tua mão, e o poder do teu braço” (Reis, III, 8, 4). Os Atos de Tomé, livro apócrifo, afirma que o mercador Habban, ou Habbanis, foi enviado por Gundafaris, rei das Índias, a Jerusalém contratar um arquiteto ou carpinteiro para construir o seu palácio. Os estudiosos afirmam que provavelmente o mercador foi a Jerusalém adorar o verdadeiro Deus, e simultaneamente atender o desejo de seu rei.

¹¹ Atos dos Apóstolos, cap. X, 27-28 e 38-39. “São Jerônimo diz que foi batizado o eunuco em uma fonte chamada depois por esta causa do Etíope, na tribo de Judá, ao pé de um monte vizinho a um povo chamado Bethsur ou Bethsoron, hoje Ain Dinoret (Comentário sobre a Bíblia Sagrada, vol. 11, p. 135).

Framanatôs ou Frumêncio, encontrou cristãos oriundos da pregação do eunuco, conforme a tradição, e completou a evangelização do país.

Os historiadores, entretanto são concordes que a introdução do cristianismo na Etiópia foi obra de São Frumêncio, natural da Síria, no século IV. As relações entre a Etiópia e a Síria remontam a tempos imemoriais. Os fenícios levavam ao Ocidente produtos da África Oriental e da Arábia, bem como os da Ásia Menor e do Extremo Oriente, que embarcações indianas, através das monções, faziam chegar ao estreito de Bab-el-Mandeb.

No século IV, o número de cristãos da Síria era grande, e talvez um desses se sentisse com vocação para evangelizar terras distantes. Rufino, em sua *História Edesiástica*, narra a evangelização do país por São Frumêncio. Sozômeno, Sócrates e outros historiadores eclesiásticos serviram-se de Rufino como fonte, e daí passaram aos sinaxários gregos, copto-árabes, e através dessa via penetrou na Abissínia. A tradição nacional etíope está de acordo com a ocidental pela simples razão de procederem de uma mesma fonte (AUBERT & CAUWEMBERG, 1960: 210-211; ALZOG, 1882).

São Frumêncio, por seu nascimento pertencia ao patriarcado de Antioquia, mas consagrou sua missão ao patriarcado de Alexandria, pois segundo o Canon VI do Concílio de Nicéia, o titular da sede de São Marcos (Alexandria), tinha o direito de ordenar pessoalmente todos os bispos do Egito (FUNK, 1924: 33; ALZOG, 1882: 151). Portanto, o cristianismo da Etiópia participa da fé de Antioquia e de Alexandria. A tradução da Bíblia para o Etíope foi feita a partir de um texto grego da coleção Antioquenha ou Lucianense, mas aceitando os livros apócrifos, isto é, não canônicos. A liturgia tem como base o rito alexandrino (STANLEY & LUFF, 1969: 199), mas com anáforas¹² do rito antioquino ou antioquenho, bem como termos siríacos, como “Haymanot”, ou seja, fé.

Uma carta do imperador Constâncio datada de 356, dirigida aos reis de Axum Aizanas e Sazanas, confirma a narração de Rufino, mostrando assim o interesse do Império Bizantino pela Igreja Etíope. Ao mesmo tempo esta carta corrige um erro geográfico, não mais confundindo a região com as Índias (FLICHE & MARTIN, 1945: 525; LLORCA, 1964: 464).

Muitos anos após, conforme o catálogo da Igreja de Axum, reinando Amiamide, vieram homens santos da região de Rum. Segundo entendiam alguns etíopes, Rum era sinônimo de Roma (Bizâncio). Outros entendiam por

¹² Anáfora: nome próprio da Grande Prece Eucarística, que precede e segue a Consagração.

Rum a terra dominada pelos turcos, razão pela qual a chamavam Rumes. Estando o padre Pero Paes cativo entre os turcos, disseram-lhe estes que para os etíopes rumes significava os cristãos existentes nos territórios dominados pelo Islã.

Na mesma época da conversão do Reino de Axum, o imperador Constâncio enviou o monge Teófilo de Dibous ao Reino dos Homeritas (atual Yemén) a fim de obter liberdade de transação comercial e de culto aos mercadores romanos, simultaneamente tinha ainda a finalidade de converter ao Cristianismo aquele reino. O referido monge em seu retorno à Bizâncio passou por Axum (FLICHE & MARTIN, 1945: 523; ALZOG, 1882: 288).

A influência síria na cristandade etíope é devida, em parte, a São Frumêncio e aos chamados nove santos, que teriam ido de Rum à Etiópia. Eles foram os introdutores da vida monástica na Etiópia do Norte. Alguns construíram mosteiros na região que evangelizaram. Os monges foram Aleph, Sehma, Za-Mikael Aragawi (que fundou o primeiro convento para mulheres), Afsé, Garima ou Isaac, Pantalewon, Liganus, Guba e Yamata. Deve-se aos mesmos ou aos seus discípulos a tradução do Novo Testamento em ge'ez. Os evangelhos em ge'ez prendem-se ao texto grego da Síria, muito mais do que os textos gregos espalhados pelo Egito (FLICHE & MARTIN, 1945: 525). Nas inscrições de Tazana há um sistema completo de vocalização que em muitos pontos de vista lembra o sistema vocálico siríaco.

Os historiadores discutem sobre a ortodoxia desses monges. Seriam monofisitas, ou ortodoxos, isto é, católicos? Chegaram da Síria em uma época em que os monofisitas a deixavam, dirigindo-se principalmente ao Egito e regiões vizinhas, chegando assim à Etiópia (ORIENTE CATTOLICO, 1962: 124; AUBERT & CAUWEMBERG, 1960: 212; GORCE & MORTIER, 1943: 308 e ALZOG, 1882: 289).

No começo do século VI, a corte e o Reino de Axum eram inteiramente cristãos. Os abissínios aliaram-se aos bizantinos, por serem aqueles também inimigos dos persas, tornando-se ambos os protetores dos cristãos da Arábia.

Os etíopes, estimulados pelos bizantinos, bateram os homeritas que se opunham às suas pretensões no Mar Vermelho. O rei axumita possuía o porto de Adulis¹³, no Mar Vermelho. E, com o auxílio de Bizâncio, estendeu seu domínio ao outro lado do mar, desembarcando no Yêmen. O soberano axumita, segundo o pensamento do imperador Justino I, serviria de barreira às

¹³ Adulis, moderna Zula.

pretensões persas, interceptando as rotas comerciais, terrestres e marítimas. Estabeleceu o Negus da Etiópia um vice-reinado e uma guarnição em Safar. Aproximadamente em 523, Dihu Nowas, pertencente à antiga família real, e de fé mosaica, comandou a revolta contra os abissínios. Matou o vice-rei, o clero e a guarnição, matando também toda a população cristã, transformando a igreja em sinagoga. O rei axumita Kaleb, ou Elesbas ou Elesbão¹⁴, organizou uma expedição contra os revoltosos, apoiado pelo imperador Justino. D'hu Nowas e seus partidários foram vencidos, pois em vão procuraram uma aliança com os persas contra Constantinopla e Axum. A autoridade axumita foi restabelecida no Yemen, se bem que por pouco tempo (FLICHE & MARTIN, 1945: 526-527; GORCE & MORTIER, 1943: 306; ALZOG, 1882: 288). A dependência religiosa da Etiópia da Sé de Alexandria ou de São Marcos foi a principal responsável pela penetração do monofisismo naquele país.

IV. A Sé de Alexandria e o Monofisismo na Etiópia

No século V o patriarca Nestório de Constantinopla afirmava que em Jesus Cristo havia duas pessoas e duas naturezas, a divina e a humana. O Concílio de Éfeso (431), dirigido por São Cirillo de Alexandria, determinou que em Jesus Cristo há um só eu (divino), e duas naturezas (divina e humana). Maria, portanto, é Theotokos, mãe de Deus. Todavia, muitos dos seguidores de Nestório não aceitaram o Concílio, separando-se da Igreja.

Em contraposição ao nestorianismo surgiu o monofisismo, que afirmava haver em Jesus Cristo uma só natureza e uma só pessoa. O grande defensor dessa doutrina foi o arquiandrita Eutiques, condenado pelo sínodo de Constantinopla. Eutiques reclamou contra essa decisão sinodal, ganhando os favores da corte e do patriarca Dióscoro de Alexandria. O imperador Teodósio II convocou um concílio em Éfeso (449), que foi presidido pelo patriarca Dióscoro. Por imposição deste patriarca, os representantes do papa Leão Magno não puderam ler sua bula enviada ao concílio, e o concílio aprovou a doutrina de Eutiques como ortodoxa. Tal fato passou para a história como o chamado Latrocínio de Éfeso (MEHLMANN, 1971: 10). Diante deste acontecimento, outros bispos apelaram à imperatriz Pulquéria, irmã do Imperador Teodósio, e novo concílio foi convocado (451), em Calcedônia. Compareceram mais de 600 membros, e três legados papais. O concílio depôs Dióscoro, o exilou juntamente com Eutiques, e rejeitou o

¹⁴ Kaleb, conhecido também por Elesbas, isto é, o bem-aventurado, aportuguesado para Elesbão, terminou seus dias como monge. Muito venerado no Brasil pela população de origem africana.

nestorianismo e o monofisismo, reafirmando em Cristo uma só pessoa, e duas naturezas.

O monofisismo, entretanto, não foi extinto. Motivos políticos explicam a persistência da heresia. Na Síria e no Egito muitos cristãos viam na nova doutrina a expressão de suas tendências nacionalistas, opostas ao helenismo e ao domínio bizantino. No século VII a expansão muçulmana agravou a situação ao ocupar a Palestina, a Síria e o Egito, impedindo assim a ação da ortodoxia, ligada a Bizâncio. Os monofisitas passaram então a constituir igrejas nacionais: a Armênia, a Mesopotâmica, a Síria, a Egípcia e a Etíope.

No Egito, os monofisitas passaram a denominar-se coptas, originários das três consoantes da palavra grega Aigyptos (G ou K, P e T); são os antigos egípcios. Os ortodoxos são chamados de Melquitas (de Melek, o Imperador), isto é, os seguidores da doutrina seguida pelo imperador, que aceitou o concílio de Calcedônia.

A Igreja Etíope, dependendo do patriarcado de Alexandria, fatalmente acabou por abraçar o monofisismo, pois Eutiques, sendo anatematizado bem como seus seguidores, encontrou em Dióscoro, patriarca de Alexandria, um ardoroso defensor. A partir do século VII a Etiópia, cercada pelos muçulmanos e privada de comunicação direta com a Europa, mantinha relações apenas com a Sé de Alexandria. Esta enviava um abuna, ou bispo, que ordenava os padres e diáconos, ficando a Igreja Etíope na dependência de um prelado estrangeiro e monofisita.¹⁵

A Igreja copta celebra festividades anuais em honra ao patriarca Dióscoro e o considera um santo, enquanto que o Concílio de Calcedônia e ao papa Leão I (ou Leão Magno) são considerados heréticos. Nos livros Haimanot Abbo e Mazaqueb Haimanot (Tesouro da Fé) há afirmações contra o Concílio de Calcedônia e sua doutrina, bem como contra o papa Leão (PAES, 1946: 23-24). A Igreja Etíope, devido ao seu isolamento, como já afirmamos, possui suas próprias características, com grande influência judaica, talvez advinda de quando em Etiópia havia grande número de judeus, como foram numerosos na Arábia antes do Islã, em particular no Yêmen. No século X encontramos a judia Judith fazendo o mesmo que fez D'hu Nowas em Himiar no século VI,

¹⁵ Tal dependência permaneceu até 1959, quando o imperador Hailé Selassié conseguiu junto ao patriarca copta de Alexandria, que a Etiópia tivesse seu próprio patriarca. Em 10 de novembro de 1970 o Imperador Hailé Selassié visitou o Papa Paulo VI, e nesta visita o Papa agradeceu-lhe os préstimos feitos à Igreja.

vencendo os cristãos e ascendendo ao trono etíope (AUBERT & CAUWEMBERG, 1960: 203).

A Igreja Etíope era pouco conhecida pela Cristandade Ocidental até a chegada dos portugueses e com eles os jesuítas, a partir do século XVI. Surgiu então uma literatura religiosa e com ela uma literatura profana a respeito da etnia, cultura, flora, fauna, hidrografia e cartografia da Etiópia.

V. A Igreja Etíope

A suprema autoridade da Igreja estava com o Patriarca de Alexandria, que delegava poderes ao abuna ou bispo etíope, sagrado pelo patriarca, que ordenava o clero secular e regular. O sacramento da Ordem era dado a homens adultos, menores e mesmo a crianças de peito. Recebem as ordens menores, ficando o sacerdócio reservado para aqueles que sejam aprovados em um exame feito pelo abuna ou seus auxiliares. O que recebe as ordens menores entrega ao abuna uma pedra e meia de sal e outras vezes duas. Marca-se o dia do recebimento das ordens menores, e faz-se publicar em vários locais, a fim de acorrerem os que desejarem recebê-las.

Os abunas nem sempre cumprem a sua palavra, protelando a administração do sacramento, procurando assim auferir lucros para si. Todos os clérigos são casados, porém casam-se antes com mulher virgem, antes de se ordenarem de missa. Raspam a cabeça, deixam crescer a barba, a vestimenta é semelhante aos seculares, tendo na cabeça barrete redondo ou comprido, de qualquer cor que acham, os pés descalços, mas trazem uma cruz de ferro delgada de madeira preta, de um palmo, o que a trazem também as freiras.

O clero regular era constituído por duas ordens religiosas, que segundo a tradição nacional foram introduzidas pelos monges vindos de Rum e do Egito. Seus fundadores foram Tecla Haymamot e Abbá Estatéus. O primeiro natural da Etiópia, cujo nome significa planta da fé, tido como santo pela Igreja Etíope, e o segundo natural do Egito. Seus hábitos são iguais, usam um escapulário e uma trancinha de três tiras de couro ordinário e vermelho, lançadas ao pescoço, que se rematam em uma argolinha de ferro ou de cobre, que trazem em uma correia. Muitos trazem capelo, barrete ou toca.

Boa parte dos que professam vida eremítica vestem peles escodadas, tingidas de amarelo ou pano da mesma cor. Vão ao deserto quando querem e voltam também quando querem. Os religiosos possuem suas horas canônicas e fazem suas penitências. No início o monacato etíope observava a clausura. Com o

passar dos tempos, os mosteiros mudaram sua estrutura, parecendo mais uma povoação.

No que tange aos sacramentos a Igreja Etíope aceita o batismo, a penitência, a eucaristia, o matrimônio, a ordem, não fazendo da confirmação e da extrema unção.

BATISMO – Os meninos são batizados após 40 dias de nascimento, e as meninas 80 dias. As crianças, mesmo em perigo de morte, não se batizam se não forem passados os dias referidos, mesmo que morram. O padre Baltazar Teles (TELLES, 1936: 118) que conheceu várias fórmulas para o batismo: eu te batizo em nome do Espírito Santo; eu te batizo na água do Jordão; Deus te batize; chegue-te ao batismo, e outras fórmulas. Os etíopes também batizam novamente aquele ou aqueles que se fizeram mouros ou idolatraram, e desejam retornar à Igreja. Igualmente aqueles que comeram ou beberam com os gentios. Por ocasião da festa da Epifania do Senhor todos se batizam, batizam também as crianças que nunca receberam esse sacramento, havendo batizados também nas festas da Ressurreição e da Assunção.

PENITÊNCIA: até os 25 anos ninguém se confessa, porque se julgam inocentes, recebendo até aquela idade o nome de meninos e crianças. Quem precisa confessar-se chega ao confessor e diz: “Padre, pequei. Solteme q he o mesmo q absolvame” (PAES, 1946: 78). As penitências, são ora leves, ora duras, dependendo do confessor.

Os abunas, quando atendem confissão coletiva, dão como penitência levantar o báculo e dá-lhe três ou quatro pancadas às costas, ou determinam o número de açoites (PAES, 1946: 81). Outras vezes, os abunas negam-se a ouvir os penitentes em particular, e as confissões em público geram demandas judiciais, porque uma das partes prejudicadas poderia estar ali presente (PAES, 1946: 81).

EUCARISTIA: Consagram o pão fermento, que fazem antes da missa e o vinho também o fazem de passas. Os fiés recebem o Sacramento nas duas espécies, e de pé. Muitos recebem a Eucaristia sem confissão. Outros se confessam, outros passam anos sem confessar, entretanto recebem o sacramento com freqüência.

MATRIMÔNIO: A separação é comum, basta para isso irem ao juiz do imperador, e sob qualquer pretexto pedir a anulação do casamento. As

mulheres, se o marido permanecer ausente por mais de três anos de casa, podem separar-se.

O casamento realiza-se na igreja, com a bênção, antecipado por uma festa. Terminada a bênção os noivos são levados à sua casa aos ombros de outros, e se a casa é distante, em mulas (PAES, 1946: 121-122).

ORDEM: Este sacramento já o mencionamos quando expusemos a respeito do clero etíope.¹⁶

MISSA: Celebram os sacerdotes etíopes missas nos dias de jejum, dizem-na pela manhã; quarta-feira e sexta-feira, que jejuam à tarde, duas horas antes do por do sol. Fazem orações sobre as vestimentas que hão de usar para celebrar a divina liturgia. Celebram-na o sacerdote, o diácono e o subdiácono. Sem eles não há missa, entretanto pode-se acrescentar outro sacerdote. Enquanto se revestem, um sacerdote vai à casinha próxima da igreja e traz o pão que se há de consagrar, e o pão que se há de dar ao povo como pão bento, e o vinho. Tendem uma campainha e entram na igreja. O sacerdote que vai dizer a missa recebe o pão, e o cobre com um pano de algodão preto ou vermelho, para verificar se cai nele alguma relíquia. O diácono toma o vinho, o subdiácono uma candeia na mão esquerda, e o turíbulo na direita, começando a dar volta ao redor do altar, que sempre está ao meio da capela, seguido dos demais sacerdotes, se houver, iniciando as orações. Fazem a leitura do evangelho do dia, e lêem um só evangelista ao ano. Assim, de quatro em quatro anos acabam de ler todos os evangelhos. Os coptas possuem doze missas para as diferentes festas. A mais breve é a dos Apóstolos, que segundo se afirma foi composta pelos apóstolos, porém à mesma acrescentam orações pelos patriarcas e outras intenções (PAES, 1946: 83-93).

VI. Influência judaica na Igreja Etíope

A circuncisão é adotada entre eles. O não-circuncisar é o mesmo que ser gentio. Injuriá-los é chamá-los de colafa, isto é, incircunciso. Quando compram escravos gentios, enquanto não os circuncisam, não comem e nem bebem nos utensílios por eles usados, sem antes benzer um sacerdote, ou lavá-los muito bem, porque acreditam que ficou contaminado. Circuncidam os meninos aos oito dias de nascimento, e algumas vezes as meninas, em casa dos pais, geralmente por mulheres (PAES, 1946: 66-67).

¹⁶ Vide p. 10

Guardam o sábado, muitos frades o fazem com rigor, começam a guardá-lo pela sexta-feira à tarde, como os judeus. Comem carne às sextas-feiras à tarde, porque afirmam que já entrou a festa do sábado (PAES, 1946: 68).

Não comem algumas coisas, porque a lei proíbe, como a lebre, o coelho, alguns poucos comem porco do mato, e peixe de escama. Os demais, principalmente os frades não os comem (PAES, 1946: 68-69).

Proíbe-se entrar à igreja por quarenta dias, a mulher que deu à luz um menino. Quando menina, oitenta dias. Proíbe-se ainda as menstruadas e aos casados que se uniram à noite, ao dia seguinte de entrar à igreja (PAES, 1946: 68-69).

No interior dos templos encontra-se o Tabots, uma caixa de madeira de um côvado de lado, simbolizando a Arca da Aliança. Anualmente saem em procissão, à cabeça de um sacerdote.

VII. Conclusão

O cristianismo na Etiópia, de acordo com a tradição nacional, foi introduzido pelo eunuco da rainha Cândace, batizado pelo apóstolo São Felipe. São Frumêncio já teria encontrado, portanto uma cristandade sem pastores. A mesma tradição coloca os etíopes juntamente com os judeus como os dois únicos povos monoteístas da Antiguidade. Entretanto, fontes históricas são favoráveis à idéia da introdução do cristianismo apenas por São Frumêncio, no século IV. E a crença em um só Deus talvez tivesse sido favorecida pelo grande número de judeus existentes em ambas as margens do Mar Vermelho. O monoteísmo judaico teria auxiliado a pregação do Cristianismo.

A dependência da Sé de Alexandria e o isolamento advindo da expansão muçulmana foram responsáveis pelo distanciamento da Etiópia da Cristandade Ocidental e por sua adesão ao monofisismo. As tentativas feitas pelos jesuítas e por outras ordens religiosas, e pela coroa portuguesa de colocar a Etiópia sob a autoridade da Sé Romana foram inúteis. Esses cristãos monofisistas resistiram às investidas muçulmanas, aos ataques dos galas, que mais tarde converteram-se ao islamismo, e a outros povos pagãos. A sua resistência foi secular. Somente no século XVI os abexins foram auxiliados por D. Cristóvão da Gama e seus companheiros na luta contra os muçulmanos. Naquela ocasião os portugueses ajudaram a manter a independência da Etiópia.

A doutrina de Eutíquio é um dos empecilhos ao ecumenismo, lançado pelo Papa João XXIII. Paulo VI, continuando a buscar as metas de seu antecessor entregou ao Patriarca de Alexandria a cabeça de São Marcos que estava em Veneza. Nesta solenidade, a Igreja copta etíope fez-se representar, entre outros, pelo Negus Neghst, Hailê Selassiê. O Negus, em sua visita ao papa Paulo VI afirmou que a Etiópia sempre foi fiel à Igreja. As tentativas de união entre as igrejas Católica e Copta do Egito e Etiópia prosseguem, porém lentamente, devido não só às questões teológicas, mas também hierárquicas, administrativas, e disciplinares.

Bibliografia

- ALZOG, João. História Universal da Igreja. Porto, Ernesto Chardron, editor, 1882.
- AUBERT, R. & CAUWENBERGH, E. Van. Dictionnaire d'Histoire et Géographie Ecclésiastiques. Paris, Dabert-Eger, Letouzey et Ané, 1960
- BÍBLIA SAGRADA. São Paulo, Editora das Américas, 1950.
- CROUZET, Maurice. História Geral das Civilizações. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1964.
- FLICHE, Augustin & MARTIN, Victor. Histoire de L'Église. St. Dizier, Bloud & Gay, 1945.
- FUNK, F. X. Compêndio de História Eclesiástica. Rio de Janeiro, Jacintho Ribeiro dos Santos, 1924.
- GACHE, Paul. La Diaspora. IN Miroir de l'Histoire, avril, 1970, n. 244.
- GORCE, Maxime. & MORTIER, Raoul. Histoire Générale des Religions, Paris, Librairie Aristide Quille, 1943.
- GUIDI, I. Abyssinie (Eglise d'). IN Dictionnaire d'Histoire et Géographie Ecclésiastiques, Paris, Letouzey et Ané, 1912.
- LLORCA, Bernardin et alii. Historia de la Iglesia Católica – Edad Antigua, Madrid, BAC, 1964.
- MAURICIO, Domingos. A carta do Preste João das Índias e seu reflexo nos descobrimentos do Infante D. Henrique. IN Broteria, v. 71, Lisboa, 1960.
- MEHLMANN, João. A propósito do latrocínio de Éfeso de 449 d. C. IN Estudos Históricos n. 10. Marília, Departamento de Educação, 1971.
- O ESTADO DE SÃO PAULO, 10 de novembro de 1970. P. 1.
- ORIENTE CATTOLICO. Cenni Storici e statistiche. Città del Vaticano, Sacra Congregazione per la Chiesa Orientale, 1962.
- PAES, Pero. História da Etiópia. Porto, Livraria Civilização Editora, 1946.
- ROTEIRO DE D. JOÃO DE CASTRO – III Roteiro de Goa a Suez, ou do Mar Roxo. Lisboa, Divisão de Publicações e Biblioteca. Agência Geral das Colônias, 1940.
- SANCEAU, Elaine. Em demanda do Preste João. Porto, Livraria Civilização Editora, 1939.
- STANLEY, G. & LUFF, A. Nova Enciclopédia Católica. V. 6. Rio de Janeiro, Editora Renes, 1969.
- _____. D. João III. Livraria Civilização Editora, 1959.
- TELES, Baltazar. História Geral da Etiópia-a-Alta. Século XVII. Porto, Editora Livraria Escolar Progredior, 1936.